

A reestruturação produtiva do capital e o mundo do trabalho: os trabalhadores da Italc Alimentos em Corumbá (GO)

Janaine Daniela Pimentel Lino Carneiro¹
Marcelo Rodrigues Mendonça²

Resumo

O contexto atual é marcado pela reestruturação produtiva do capital e por formas específicas do conflito capital x trabalho, provocando uma intensa mudança na classe trabalhadora, que se torna cada vez mais complexa e diversificada. Neste artigo serão apresentadas algumas reflexões acerca da reestruturação produtiva e seus efeitos sobre o mundo do trabalho, especificamente, a partir das relações de trabalho na agroindústria laticinista Italc Alimentos, em Corumbá (GO), considerando as novas formas de relação espaço-tempo, a territorialização da empresa no Município, e ainda, alguns aspectos da organização do trabalho desempenhado na fábrica.

Palavras-chaves: reestruturação produtiva; mundo do trabalho; precarização do trabalho; Italc Alimentos.

Abstract

The current context is marked by productive restructuring of capital and by new forms of capital x labor conflict, prompting a intense change in the working class, who becomes increasingly complex and diverse. This article will present some reflections on productive restructuring and its effects on the world of work, specifically, from labour relations in agroindustry Italc dairy products Corumbá (GO), considering new forms of relationship space-time, the territorialization of the company in the city, and yet, some aspects of the organization of the work carried out in the factory.

Keywords: productive restructuring; World of work; precarious work; Italc Food.

Introdução

Karl Marx e Frederick Engels já no século XIX, desde a publicação do *Manifesto Comunista*, revelavam a centralidade do capital ao mesmo tempo em que ressaltavam seu caráter (in)constante e expansionista no sentido de garantir a produção de mercadorias, o lucro e as condições para sua acumulação. Esse movimento estaria pautado na transformação espacial da sociedade capitalista e, principalmente na luta de classes, fundamentado pela lógica extremada da produção do lucro e da reprodução do

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Catalão (GO) (CAC); membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq). E-mail: janaine_nana@hotmail.com.

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação nível em Geografia (PPGGC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Catalão (GO) (CAC); coordenador do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq). E-mail: ufgmendonca@gmail.com.

capital. Isso porque “[...] Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes” (MARX; ENGELS, 2007, p. 43).

Nessa perspectiva, David Harvey (2009) assegura que as mudanças que vem ocorrendo na sociedade estão relacionadas à própria natureza do capital e “[...] mostram-se mais como transformações da aparência superficial do que como sinais de surgimento de alguma sociedade pós-capitalista, ou mesmo pós-industrial inteiramente nova” (HARVEY, 2009, p. 09). Nota-se que a sociedade capitalista contemporânea vem passando por uma série de transformações na esfera econômica, mas que têm implicações nas demais esferas sociais. Essas mudanças, segundo Chesnais (1996) resultam da globalização e da mundialização do capital que impõem à sociedade a “necessidade” de “adaptar-se” aos seus imperativos. Para o autor, essa adaptação “[...] pressupõe que a liberalização e a desregulamentação sejam levadas a cabo, que as empresas tenham absoluta liberdade de movimentos e que todos os campos da vida social, sem exceção, sejam submetidos à valorização do capital privado [...]”. (CHESNAIS, 1996, p. 25).

Com isso, o contexto atual é marcado pela reestruturação produtiva do capital e por formas específicas do conflito capital x trabalho, provocando uma intensa mudança na classe trabalhadora, que se torna cada vez mais complexa e diversificada. Numa análise geográfica que busca compreender as transformações espaciais a partir desse conflito, torna-se premente considerar as tais formas assumidas por essa relação e os seus efeitos na produção do espaço. Dentre eles, destaca-se a degradação ambiental e a precarização do trabalho, que atingem a classe trabalhadora como um todo.

No que se refere ao trabalho, Antunes (2001) evidencia a desregulamentação, a flexibilização e a terceirização, advindas de uma lógica societal onde o capital se vale da força de trabalho humano enquanto parcela imprescindível para a sua reprodução como formas de transformações contemporâneas no mundo do trabalho, a partir da reestruturação produtiva. Assim, o novo contexto pode diminuir o trabalho vivo, precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não eliminá-lo. Nesse sentido, o trabalho não perde a sua centralidade de categoria de análise ou mesmo de agente constituinte da sociedade capitalista, mas ocorrem profundas mudanças no mercado de trabalho como um todo, as quais afetam os trabalhadores. Essas mudanças são identificadas a partir da diminuição dos trabalhadores industriais tradicionais, do aumento do trabalho assalariado no setor de serviços, e da heterogeneização das formas

de trabalho marcadas pela informalidade e pela subproletarização, caracterizada pelo trabalho em tempo parcial, doméstico, temporário, precário, subcontratado e pelas terceirizações, além do desemprego estrutural e da feminização do mercado de trabalho. "Há, portanto, um processo de maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora" (ANTUNES, 2006, p. 50).

Neste artigo serão apresentadas algumas reflexões acerca da reestruturação produtiva e seus efeitos sobre o mundo do trabalho, especificamente sobre trabalhadores na agroindústria laticinista Italc Alimentos em Corumbá (GO). Investigou-se a organização do trabalho na fábrica e o movimento contraditório da luta rumo à emancipação, avaliando se ocorre ou não a precarização do trabalho nesta unidade produtiva, com referência nas declarações dos trabalhadores. Tais informações foram obtidas por meio de questionários e entrevistas.

As reflexões aqui apresentadas são parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no Curso de Mestrado em Geografia na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão cujo objetivo é compreender as mudanças nas relações capital/trabalho a partir da territorialização do capital agroindustrial laticinista, Italc Alimentos, em Corumbá (GO) e seus efeitos nas transformações espaciais, bem como, os novos significados da relação campo-cidade.

O interesse pela temática, advém das leituras e discussões realizadas no Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais/GETeM/CNPq/UFG sobre a categoria trabalho, que despertaram o interesse por uma compreensão mais aprofundada acerca da reestruturação produtiva do capital e seus efeitos no mundo do trabalho e nos trabalhadores no interior do País.

Este estudo foi dividido em duas etapas, a pesquisa teórica e a pesquisa de campo. Na pesquisa teórica foi realizado o levantamento bibliográfico acerca das temáticas abordadas e elaborado um referencial teórico básico, que forneceu subsídios para a compreensão do objeto de estudo e dos sujeitos pesquisados, fundamentando a coleta de dados e informações, assim como, a análise e interpretação dos mesmos. Dentre os autores consultados tem-se: Harvey (2009), sobre a reestruturação produtiva do capital; além de Thomaz Júnior (2009, 2011), Antunes (2001, 2004, 2006) e Alves (2005) acerca das novas configurações do mundo do trabalho.

Na pesquisa de campo foram visitados os trabalhadores que atuam em diferentes setores da Italc Alimentos, em seus lares, onde foram aplicados trinta questionários e realizadas dez entrevistas. Tais questionários foram compostos por questões objetivas,

discursivas e mistas. As questões eram referentes à faixa etária, ao nível de escolaridade, ao estado civil, a quantidade de filhos, renda mensal total, contribuição nas despesas financeiras da família, carga horária de trabalho, quantidade de horas extras realizadas na empresa, folgas semanais, plano de saúde, militância sindical e partidária, aspectos positivos e negativos em ser um trabalhador da empresa, e ainda, uma questão destinada aos comentários adicionais, caso julgassem necessário.

As entrevistas foram realizadas com nove trabalhadores e uma ex-trabalhadora do Laticínio também em suas respectivas moradias. Nos roteiros das entrevistas havia questões sobre as diferentes atividades laborais exercidas antes de trabalharem na Italac Alimentos, sobre o trabalho desempenhado na empresa, sobre aspectos do seu cotidiano, e ainda acerca das suas observações e expectativas como um trabalhador do Laticínio.

Este artigo foi dividido em quatro partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira, *A reestruturação produtiva: novos espaços para o capital*, em que são apresentadas as principais características do processo de reestruturação do capital e seus efeitos sobre a relação espaço-tempo e para o mundo do trabalho, bem como, a Italac Alimentos nesse contexto. A segunda, *A Italac Alimentos em Corumbáiba (GO)*, aborda o processo de territorialização da empresa em Corumbáiba. A terceira, *A reestruturação produtiva do capital e a precarização do trabalho*, em que serão apresentados alguns dos efeitos da reestruturação produtiva sobre a classe trabalhadora, dentre eles a precarização do trabalho. E por último, *O trabalho na fábrica* onde são apresentados alguns aspectos da organização do trabalho desempenhados pelos trabalhadores na Italac Alimentos.

A reestruturação produtiva: novos espaços do capital

A sociedade capitalista contemporânea vem passando por uma série de mudanças nas últimas décadas. As transformações estão presentes na esfera econômica, mas têm implicações nas demais esferas sociais e, por conseguinte no mundo do trabalho e dos/as trabalhadores/as. Serão apresentadas as principais características da reestruturação produtiva e as novas configurações tempo-espaço para que sejam compreendidas as dinâmicas de instalação e de funcionamento do Laticínio Italac Alimentos em Corumbáiba (GO).

Segundo Harvey (2009) as transformações que atingem a sociedade atualmente

advém da transição da rigidez do fordismo para a acumulação flexível, ocorrida a partir dos anos 1970, por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de tecnologias produtivas pioneiras, às quais significaram uma forma específica de organização espaço-temporal e uma nova perspectiva para o trabalho e os trabalhadores. E isso acontece, sobretudo, porque o capital não deve ser concebido como uma coisa, pronta e acabada, mas como um processo em constante reprodução que dinamiza a própria reprodução da vida social, bem como, os diferentes tempos e espaços.

No que se refere ao espaço, tem-se um contexto peculiar, pois a queda das barreiras espaciais não significou o fim da importância atribuída ao espaço pelo capital, tampouco o fim das diferenças espaciais. Pelo contrário,

[...] o aumento da competição em condições de crise coagiu os capitalistas a darem [...] mais atenção às vantagens locais relativas, [...] porque a diminuição de barreiras espaciais dá aos capitalistas o poder de explorar, [...] pequenas diferenciações espaciais (HARVEY, 2009, p. 265).

Tais diferenciações estariam relacionadas ao que o espaço oferece em termos de trabalho, infraestrutura, recursos, e outros aspectos que favoreçam a manutenção das condições de acumulação e reprodução do capital. A esse respeito, Moreira (2005) evidencia que nos anos 1980 e 1990, o território brasileiro se redesenha, se descomprime, sob a lógica dos grandes investimentos, da agroindústria, do capital agroindustrial e financeiro.

Harvey (2009) acrescenta ainda que a mobilidade geográfica do capital e a consequente mobilidade do trabalho, bem como a descentralização são características imprescindíveis no atual contexto da acumulação flexível do capital. Assim como a manutenção da sua tendência para o crescimento em valores reais pautados na exploração do trabalho vivo no universo da produção, a partir de uma dinâmica tecnológica e organizacional.

Para Thomaz Júnior (2009) a mobilidade espacial do trabalho é um dos fatores estratégicos do capital para a acumulação do capital. Isso é evidenciado no Brasil, principalmente após a década de 1990, pela incorporação de territórios com pouca tradição industrial e baixa organização sindical, por empresas oriundas dos grandes centros industriais tradicionais, em busca de menor resistência por parte dos trabalhadores e demais benefícios fiscais e logísticos. Esse processo para Thomaz Júnior (2009) significa “[...] a mobilidade, a migração do capital e do trabalho está reconfigurando as espacialidades da economia global, os perfis, os conteúdos e

subjetividades dos homens e mulheres que trabalham [...]” (THOMAZ JÚNIOR, 2009, p. 197).

A acumulação flexível, para Harvey (2009), se apoia na flexibilidade dos processos e dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Significou para os trabalhadores uma maior intensificação nos processos de trabalho, acompanhados de uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento das suas novas necessidades. Proporcionou uma aceleração do tempo de giro na produção, troca e consumo, assim como uma maior volatilidade e efemeridade das mercadorias, dos valores e das práticas sociais.

Os elementos evidenciados por Harvey (2009) e Thomaz Júnior (2009) auxiliam na compreensão do processo de territorialização do Laticínio Italac Alimentos em Corumbáiba (GO), bem como na compreensão das relações de trabalho presentes na fábrica. A instalação do Laticínio pode ser atribuída ao fato de seus proprietários serem nascidos e criados no Município, aos incentivos fiscais oferecidos pelo governo de Goiás e pela Prefeitura Municipal de Corumbáiba para sua instalação e ampliação por meio de programas de incentivo à indústria tanto no âmbito estadual como municipal, como por exemplo, o Produzir³; a existência de mão de obra barata e sem qualquer organização sindical e reivindicatória; a significativa produção da bacia leiteira do Município e áreas vizinhas; e ainda, a posição geográfica do Município que facilita o escoamento de mercadorias. Para o capital todos esses são atrativos para a instalação da Italac Alimentos em Corumbáiba.

A Italac alimentos em Corumbáiba (GO)

A Italac Alimentos é uma agroindústria laticinista produtora de derivados lácteos que surgiu no ano de 1994 em Itapaci (GO). Atualmente possui vinte filiais localizadas nos estados de Rondônia, Pará, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Goiás e está entre as cinco maiores produtoras de Leite Longa Vida e queijos do Brasil. Seus produtos são comercializados em todo o País ficando entre 5% e 10% no Estado de Goiás, e de 50% a 90% para outros estados, principalmente para o mercado paulista,

³ Produzir é o Programa do Governo do Estado de Goiás que incentiva a implantação, expansão ou revitalização de indústrias, estimulando a realização de investimentos, a renovação tecnológica e o aumento da competitividade estadual com ênfase na geração de emprego, renda e redução das desigualdades sociais e regionais.

escoados por transporte rodoviário. Em Corumbáiba (GO), se territorializou em 1996, onde são beneficiados cerca de 1.200.000 litros de leite por dia, dos quais são produzidos: leite Longa Vida (UHT) nas versões integral, desnatado e semidesnatado; creme de leite UHT homogeneizado; leite condensado; achocolatado em pó; e bebida láctea sabor chocolate.

Segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, em Corumbáiba, a Italac Alimentos é a maior fonte de trabalho formal direto para a população local, uma vez que, emprega 610 trabalhadores, diretamente, sendo 433 homens e 177 mulheres. A grande maioria dos trabalhadores reside em Corumbáiba, outros vêm de cidades vizinhas, tais como, Marzagão (GO), Nova Aurora (GO) e Água Limpa (GO). (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

Corumbáiba é um município do interior do estado de Goiás, situado na Mesorregião Sul Goiano e na Microrregião de Catalão. Está há 217 km da capital do estado, Goiânia. O município compreende uma área total de 1.881,712 km² e limita-se ao Norte com Ipameri (GO) e Caldas Novas (GO) – conhecida como o maior pólo hidrotermal do País – ao Sul com Tupaciguara (MG) e Araguari (MG) – cidades da região denominada Triângulo Mineiro – a Leste com Nova Aurora (GO) e Cumari (GO), e à Oeste com Buriti Alegre (GO), Água Limpa (GO) e Marzagão (GO). A cidade é interligada a Caldas Novas, Goiânia (Capital de Goiás) e Triângulo Mineiro pela Rodovia GO - 139, à Catalão pela Rodovia GO - 210 e a Ipameri pela Rodovia GO - 406. Essas rodovias possibilitam o acesso aos principais mercados consumidores do País, destacando-se a região metropolitana de Goiânia, Caldas Novas (um polo turístico) e a região Sudeste, mais precisamente o Triângulo Mineiro e o estado de São Paulo.

Segundo o Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Município tem uma população total de 8.181 habitantes, sendo: a população urbana de 6.307 habitantes; a população rural de 1.874 habitantes; a população feminina de 3.897 habitantes; e a população masculina de 4.284 habitantes. A taxa de crescimento geométrico populacional é de 2,09% e a densidade demográfica é de 4,34 hab/km². Vale destacar que esse crescimento tem sido atribuído ao aumento do número de migrantes que chegam, uma vez que o número de nascimentos vem decaindo nos últimos anos. Esses migrantes são oriundos do campo, de cidades vizinhas e de outras cidades brasileiras, tais como Recife (PE), Uberlândia (MG), Itumbiara (GO), dentre outras cidades, atraídos pelas ofertas de emprego na agroindústria laticinista.

Segundo Melo (2008) Corumbáiba vem apresentando um significativo crescimento econômico desde o final dos anos 1990. Esse crescimento, assim como os municípios de Ipameri (GO) e Pires do Rio (GO), ocorreu principalmente, pela inserção da modernização da agricultura e pelo desenvolvimento da industrialização de produtos agropecuários. No caso de Corumbáiba, de acordo com os censos agropecuários, tem demonstrado inserção no processo de modernização da produção realizada no campo via, principalmente, o emprego de inovações técnicas e tecnológicas na atividade pecuarista.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Produto Interno Bruto (PIB) de Corumbáiba (GO) em 2011 foi de 38.835 para a indústria, 124.741 para a agropecuária e 115.079 para serviços. Já o Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de acordo com a Secretaria de Gestão e Planejamento do Goiás (SEGPLAN), que em 2000 era de 4.949 (mil R\$), em 2011 foi de 21.859 (mil R\$), sendo que a participação da atividade industrial foi 7,642 (mil R\$) ICMS Indústria e a agropecuária foi 4.573 (mil R\$) ICMS Produção Agropecuária. Além disso, de acordo com a SEGPLAN o Município tinha em 2000 um rebanho bovino de 108.603 cabeças e 18.890 vacas ordenhadas com uma produção de 18,701 (mil l) de leite, já em 2010 tinha um rebanho de 154.500 cabeças, 30.000 vacas ordenhadas e uma produção leiteira de 5,330 (mil l).

Nota-se que as principais atividades econômicas do município de Corumbáiba são a pecuária de corte e de leite e uma crescente participação da atividade industrial. O setor industrial é representado por um total de quinze unidades produtivas, colocando o município no 3º lugar de municípios com maior presença do setor secundário na economia, da Microrregião de Catalão, perdendo apenas para Catalão e Ipameri. Essas quinze unidades produtivas estão divididas em: duas cerâmicas que produzem telhas, tijolos e filtros para água; uma misturadora de rações para gado bovino, suíno, caprino e equino, e sal mineralizado; três unidades produtoras de vaso e artes em cerâmica; duas serralherias; três marcenarias; três fábricas de foices; e uma unidade produtiva da agroindústria laticinista Italac Alimentos. Esta possui maior destaque por corresponder ao maior investimento de capital e maior fonte de trabalho formal no município. "A empresa oferece oportunidade de emprego com carteira assinada e pagamento em dia, e contribui para a melhoria da vida financeira", afirma um dos entrevistados.

A Italac Alimentos se instala no Município por diversos motivos conjugados, dentre eles, a posição geográfica e logística, a acessibilidade ao mercado consumidor, a

disponibilidade de matéria prima, de infraestrutura, os incentivos fiscais, oferecidos pelo Estado a partir das políticas de desenvolvimento local, e principalmente, a disponibilidade de força de trabalho qualificada e com pouca tradição reivindicatória. Tais fatores remetem a compreensão da realidade de Corumbáiba em relação à mobilidade geográfica do capital e do trabalho que marcam o contexto atual da acumulação flexível do capital e do trabalho evidenciadas por Harvey (2009) e Thomaz Júnior (2009). Nesse sentido nota-se que o processo de territorialização da agroindústria laticinista promove mudanças na dinâmica espacial do município e ainda nas relações de trabalho na cidade.

As mudanças nas relações trabalho em Corumbáiba (GO) estão relacionadas à reestruturação produtiva do capital, que promove a intensificação da precarização do trabalho, com grandes prejuízos para a classe trabalhadora. Nesse sentido, serão apresentados no item a seguir algumas reflexões acerca da relação entre a reestruturação produtiva do capital e a precarização do trabalho.

Reestruturação produtiva do capital e precarização do trabalho

Para Alves (2005) a categoria trabalho possui múltiplas determinações, dentre elas a sua dimensão ontológica, na qual o trabalho constitui aspecto fundante do ser humano enquanto ser social e enquanto elemento civilizatório. Segundo Antunes (2004) foi por meio do trabalho que os homens e mulheres distinguiram-se dos animais, e principalmente, sem o trabalho a vida cotidiana não se reproduziria. No entanto, o trabalho possui dimensões antagônicas para o ser que trabalha. Estas são acentuadas na atualidade, quando os níveis de exploração, diversificação e estratificação da classe trabalhadora são intensificadas pela forma de acumulação do capital, pautada, dentre outros aspectos, na precarização do trabalho. É preciso atentar-se ao aspecto dialético do trabalho para compreender as suas dimensões e a vida dos trabalhadores.

Nesse sentido, a precarização do trabalho e da vida cotidiana dos trabalhadores se intensifica no contexto da acumulação flexível e atinge a classe trabalhadora como um todo. Estas mudanças são significativas para o mundo do trabalho e de uma maneira geral são extremamente negativas para os trabalhadores. Dentre as mudanças Santana (2011) enumera os seguintes elementos: a crise do movimento sindical através da captura da subjetividade dos trabalhadores pelo projeto capitalista, debilitando a capacidade de resistência dos movimentos sindicais que representam a classe operária;

atinge a materialidade do trabalho, devido às mudanças na composição do emprego, com o impulso ao desemprego; a subcontratação; a terceirização; a subproletarização; o trabalho em tempo parcial; e, o trabalho temporário e domiciliar, provocando o que Antunes (2006) chama de heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho.

Dessa forma, a reestruturação produtiva do capital está promovendo uma série de mudanças no mundo do trabalho. A esse respeito Ferraz; GARCIA; SILVA (2010) acrescentam que,

[...] Historicamente, no capitalismo, o trabalho vem sofrendo várias mudanças para atender às necessidades de regulamentação e controle social do modo de produção. Essas alterações acontecem nos aspectos econômicos, políticos e culturais da produção, com vistas a atingir o objetivo maior: de manter as taxas de lucro e submeter os trabalhadores nos processos produtivos. [...]. (FERRAZ; GARCIA; SILVA, 2010, p. 04).

Essa busca constante pela manutenção das condições de ampliação do lucro e reprodução do capital na sociedade capitalista guiada pela lógica da produção de mercadorias implica na crescente precarização do trabalho, conforme alerta Antunes (2006),

[...] o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada. (ANTUNES, 2006, p. 101).

Dessa forma, a precarização do trabalho se intensifica na medida em que as necessidades de reprodução do capital se ampliam, ou melhor, num contexto marcado pela busca incessante pela manutenção, ou ampliação, das condições necessárias para a acumulação do capital, o trabalho é precarizado ainda mais. A busca pelo lucro intenso significou/a para os trabalhadores uma intensificação na exploração de sua força de trabalho e, por conseguinte a precarização de sua vida enquanto trabalhador.

No próximo item serão apresentados alguns aspectos do trabalho realizado pelos trabalhadores na unidade produtiva da Italac Alimentos em Corumbáiba (GO), com base nas declarações dos trabalhadores, nos questionários respondidos e nas entrevistas realizadas.

O trabalho na fábrica

Dentre os trabalhadores entrevistados todos residem na cidade de Corumbá e são funcionários do Laticínio com carteira assinada⁴. Eles têm idade entre vinte e quarenta e sete anos, sendo que 55% trabalham na empresa há menos de três anos; 25% trabalham entre três e cinco anos; 15% trabalham entre cinco e oito anos; e 5% trabalham há mais de dez anos.

A média salarial paga pela empresa aos trabalhadores fica entre 1,0 e 3,0 salários mínimos vigentes no ano de 2011, ou seja, entre R\$ 520,00 e R\$ 1.580,00. Um dos entrevistados afirma que “o salário é baixo e insuficiente para uma empresa conhecida e conceituada, mas para Corumbá, é um bom salário, já que as outras poucas empresas que tem na cidade pagam um salário menor ainda.”⁵ Segundo os entrevistados o salário pago, e ainda a diferenciação salarial entre os trabalhadores não corresponde necessariamente ao nível de escolaridade dos mesmos ou à sua área de formação, mas sim, a atividade e ao cargo que ocupam na unidade produtiva.

Nesse sentido, um dos entrevistados diz: “trabalho no setor de análise de embalagem [...] Não tem nada a ver com o meu curso, mesmo antes de fazer Química eu já trabalhava lá. [...] Já trabalhei na produção, como Serviços Gerais fazendo paletes⁶. [...] Meus colegas me ensinaram o serviço na análise.”⁷ Isso evidencia que o treinamento para a realização das atividades é feito na/pela própria empresa e pelos colegas de trabalho, especificamente na/para a atividade que irão desempenhar.

A partir das observações e das entrevistas nota-se que existe pouca tradição reivindicatória e mobilização sindical e partidária entre os trabalhadores da Italc Alimentos. Do total de entrevistados apenas 20% declarou serem filiados no Sindicato das Indústrias de Laticínios de Goiás-Tocantins, mas disseram não ter conhecimento sobre a atuação do Sindicato. Apenas 5% dos entrevistados declararam-se filiados em partidos políticos. Além disso, todos os trabalhadores afirmaram nunca terem participado, ou terem conhecimento da ocorrência, de movimentos reivindicatórios coletivos no interior da empresa.

Essa realidade, no dizer de Antunes (2006) está relacionada ao novo contexto do

⁴ Os trabalhadores afirmaram existir a forma de contratação como diaristas. Estes trabalhadores prestam serviços diários e recebem R\$ 20,00/dia. Na maioria dos casos em pouco tempo os diaristas são contratados e passam a serem funcionários com carteira assinada.

⁵ Fonte: as entrevistas e a aplicação dos questionários foram realizadas no trabalho de campo, em abril de 2012, pela pesquisadora.

⁶ A função do paletes é a otimização do transporte de cargas, que é conseguido através da empilhadeira e a paleteira, nesse caso, fazer paletes é fazer um empilhamento, camada por camada, dos produtos da Italc Alimentos.

sindicalismo no Brasil influenciado pela crise que atinge o mundo do trabalho, sobretudo, a materialidade e a subjetividade da classe trabalhadora. Essa nova realidade é marcada, dentre outros aspectos, pela diminuição acentuada no número de sindicalizados e pela chamada institucionalização dos sindicatos no País. Nesse sentido, afirma que o movimento sindical encontra-se em crise de proporções nunca vistas, “[...] atingindo em 1980 o sindicalismo nos países avançados, [...] e na viragem de 1980 para 1990, os Países subordinados [...] como é o caso do Brasil” (ANTUNES, 2006, p. 157).

A Italc Alimentos tem quatro turnos distintos de trabalho sendo: uma equipe em horário comercial 07h às 11h e 12h30min às 17h; outras em turnos de oito horas cada, ou seja, das 05h às 13h, das 13h às 21h e das 21h às 05h. Cada grupo de trabalhadores muda de horário a cada três meses. A jornada de trabalho semanal destes trabalhadores é de 48 horas, com um dia de folga a cada seis dias de trabalho. Um dos trabalhadores destaca o horário como um aspecto negativo da empresa, além de destacar que trabalham oito horas a mais por semana. Outro diz que na contabilidade, tem folga fixa, com exceção nos períodos em que o serviço está atrasado, conforme explicita: “[...] nossa folga é aos sábados à tarde e aos domingos, mas como agora a contabilidade tá atrasada agente trabalha no sábado até a noite e às vezes nos domingos [...]” (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

De acordo com os trabalhadores entrevistados, a empresa, diante da demanda por mais trabalho, exige uma jornada de trabalho extra para os mesmos. Diante da questão: Não seriam necessários mais trabalhadores para que o trabalho fosse desempenhado em dia? As respostas dos trabalhadores são: “Não adianta... Nós temos que dar conta do trabalho! Descanso? Não tem... Eles nunca valorizam nosso trabalho... Tem que fazer se quiser crescer lá dentro” (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

No que se referem às horas-extras outros entrevistados revelam a dificuldade que enfrentam na realização de trabalhos na empresa além do horário de trabalho previsto, sobretudo, pelo cansaço. Mesmo assim, dentre os trabalhadores entrevistados apenas 24% afirmaram não fazer horas extras, enquanto 76% dos trabalhadores afirmaram fazer sempre que a empresa solicita por meio dos encarregados. A solicitação é feita, na maioria das vezes, no decorrer da sua jornada de trabalho, o que dificulta para os trabalhadores por não terem se planejado para a realização da jornada de trabalho extra. Conforme descreve um dos entrevistados, que não costuma fazer horas-extras porque estuda a noite e então não tem tempo disponível para isso.

Durante o cumprimento da jornada de trabalho o único momento específico para

descanso são quinze minutos destinados ao lanche. Este é servido uma vez a cada turno, sendo: pão com manteiga, leite e café, ou pão com presunto, ou rosca uma vez por mês. A insuficiência do lanche servido pela empresa foi evidenciada por 89% dos entrevistados, o que evidencia a precarização do trabalho desempenhado na fábrica. Eles destacam a necessidade de uma refeição adequada para a jornada de trabalho que desempenham. Um dos trabalhadores explica:

[...] na verdade tem gente que levanta 4 horas da manhã, chega no serviço às 5 horas [...] bate o cartão na hora de ir embora às 13 horas, e aí tira o uniforme, mas como mora longe só chega em casa às 14 h pra almoçar [...] daí fica só com o pão [...] tem serviço que é muito pesado [...] o povo fica com fome e nem almoça direito já passado de hora.(PESQUISA DE CAMPO, 2012).

De acordo com os entrevistados, a mudança de cargo na empresa não acontece com frequência. Eles mudam de atividades desempenhadas sempre, mas o cargo não é fácil mudar. A ex-trabalhadora da empresa diz: “[...] o acesso de cargo é de acordo com o nosso desempenho. Eu pedi e duas semanas depois eles e mudaram, mas eu chegava sempre antes do horário, fazia muita hora extra. [...]”⁸. Outro entrevistado destaca que “[...] tem que ter uma ajuda [...] alguém tem que pedir [...] e costuma demorar a atualização do salário para o cargo novo”.⁹ Estas colocações evidenciam a necessidade dos trabalhadores se empenharem cada vez mais no trabalho que realizam e de vestirem a camisa da empresa.

Estas exigências da empresa, de acordo com Antunes (2006) correspondem à flexibilidade do processo produtivo, a flexibilização da organização do trabalho e a flexibilização dos trabalhadores, as quais são características da acumulação flexível e intensificam a exploração do trabalho.

Embora os trabalhadores afirmem que o nível de escolaridade e a sua formação profissional não seja critério de contratação e promoção para muitos setores da fábrica, sabe-se que para a empresa é interessante empregar homens e mulheres com maior nível de escolaridade e qualificação profissional, tanto pela qualidade do trabalho oferecido quanto pelas políticas e programas de qualidade do Laticínio Italac Alimentos. Por isso, os trabalhadores que estudam tem turno de trabalho fixo, em conformidade com o horário em que estudam. Este constitui o único incentivo que estes trabalhadores

⁸ A entrevistada tem 22 anos, é solteira, cursa a faculdade de Administração. É ex-trabalhadora da Italac Alimentos onde atuou por dois anos e onze meses, ocupando os cargos de Serviços Gerais e depois Auxiliar de Controle de Qualidade.

recebem da empresa para estudarem. No período das férias escolares o horário de trabalho sofre alterações.

Para Thomaz Júnior (2011) no contexto da Terceira Revolução Científico-Tecnológica, iniciada entre as décadas 1970-1980, tem-se “[...] a (re)criação de um novo trabalhador com novas qualificações e natureza multifuncional polivalente” (THOMAZ JÚNIOR, 2011, p. 313). Assim, a qualificação exigida pela empresa não corresponde necessariamente ao nível de escolaridade. Dentre os trabalhadores entrevistados 30% tem o Ensino Fundamental incompleto, 25% tem o Ensino Médio incompleto, 26% têm o Ensino Médio completo, 17% têm o Ensino Superior incompleto e apenas 2% têm o Ensino Superior completo.

A busca pela qualificação profissional constitui um desafio para os trabalhadores que devem conciliar a sua jornada de trabalho intensa e extensa com os estudos. Dentre os entrevistados estão estudantes universitários e alunos de cursos técnicos que se deslocam diariamente de Corumbáiba (GO) para cidades vizinhas, tais como, Caldas Novas (GO), Catalão (GO) e Araguari (MG). Descrevendo o período em que trabalhava no Laticínio e era universitária, a entrevistada afirma: “Eu não tinha vida. Era da faculdade para a Italac e da Italac para a faculdade, quando eu chegava lá, a cabeça não dava para os cálculos” (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

Outro trabalhador estuda no quarto período de Química e atua na Italac há dois anos e oito meses, atualmente no Laboratório, como Auxiliar de Controle de Qualidade. Segundo ele, a conclusão do curso, marcada pelas dificuldades em se dedicar, advindas da falta de tempo disponível para os estudos e do cansaço promovido pela rotina de trabalho intenso e da poucas horas de sono e descanso, não irá ajudá-lo numa possível promoção na empresa, ou mesmo na mudança de cargo. Ele se dedica aos estudos por acreditar que ao concluí-los terá chances de conseguir um trabalho melhor, embora considere que para isso, provavelmente terá que mudar de cidade. “Em Corumbáiba não tem muita oportunidade de emprego não. A gente só pode trabalhar na Prefeitura, mas lá é concurso ou política, no comércio, é pouca vaga, e na maioria dos outros lugares não tem carteira assinada e o salário é baixo” (PESQUISA DE CAMPO, 2012).

Quando questionados sobre o que poderia ser oferecido pelo Laticínio para melhorar as suas condições de trabalho, os trabalhadores destacaram uma série de elementos, dentre eles: melhoria dos salários, área de lazer da empresa, auxílio transporte, mudança de horário de trabalho, creche os filhos, alojamento e revisão da jornada de trabalho, com destaque para a falta de refeição e a falta de plano de saúde.

Segundo os entrevistados foi implantado o plano de saúde somente para alguns cargos, sobretudo, para a equipe gestora dos diferentes setores. Mesmo assim, a falta de refeição e o plano de saúde constituem as principais queixas dos trabalhadores, que reivindicam a sua melhoria para o aprimoramento das condições de trabalho na empresa.

Dessa forma, a jornada de trabalho extensa e intensa, a necessidade de realização de horas extras, a falta de alimentação adequada durante o tempo de trabalho, a falta de plano de saúde, a ausência de uma organização sindical significativa por parte dos trabalhadores, dentre outras necessidades evidenciadas pelos trabalhadores contribuem para a precarização do trabalho na fábrica. Entretanto, é preciso reconhecer que a precarização do trabalho na sociedade capitalista atual se manifesta ainda em diferentes formas, tais como, a subcontratação, a terceirização, a perda de direitos trabalhistas já constituídos, dentre outros.

Considerações finais

A pesquisa que está sendo desenvolvida busca compreender a influência da agroindústria laticinista, Italac Alimentos, nas mudanças espaciais em Corumbáiba (GO) que se manifestam no campo e na cidade, bem como, as mudanças nas relações de trabalho. Neste artigo foram destacados alguns aspectos das relações de trabalho no Laticínio, com base nas declarações dos trabalhadores entrevistados. Entretanto, vale ressaltar que a análise das informações coletadas encontra-se em estágio inicial, constituindo, nesse momento, apenas reflexões iniciais. Espera-se que esta breve reflexão possa fomentar os debates acerca das temáticas que envolvem a reestruturação produtiva do capital e seus efeitos sobre mundo do trabalho e sobre os trabalhadores, mas não esgotar as questões acerca do tema.

Mesmo assim, é possível reconhecer que com acumulação flexível, oriunda da reestruturação produtiva do capital, promove uma nova dinâmica da relação tempo-espaco e inova as perspectivas para o trabalho, ou melhor, promove uma nova dinâmica de reprodução da vida social. Um dos efeitos desse processo no mundo do trabalho é a chamada precarização do trabalho e da vida cotidiana dos trabalhadores, que atinge a classe trabalhadora como um todo. Além disso, entende-se que a territorialização da Italac Alimentos em Corumbáiba (GO) deve ser entendida nesse contexto, sendo relacionada à chamada mobilidade geográfica do capital e do trabalho apresentadas por Harvey (2009) e Thomaz Júnior (2009).

Os relatos dos trabalhadores evidenciam aspectos da precarização do trabalho e

da vida cotidiana a partir do trabalho desempenhado na fábrica, mesmo que, especificamente, não estejam inseridos nas terceirizações ou mesmo nas percas dos direitos trabalhistas. Desse modo, a realidade vivenciada pelos trabalhadores demonstra o desafio que se coloca para a classe trabalhadora como um todo, que seria romper com a lógica societal da reprodução do lucro acima da emancipação humana.

Referências

ALVES, Giovanni. Trabalho, capitalismo e formas de salariedade: notas teórico-críticas. **O público e o privado**, jul./dez 2005, n. 6. p. 109- 128.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **A cidadania negada: Políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-48.

_____. (Org.) **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade de Campinas, 2006.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FERRAZ, A. P.; GARCIA, J. C.; SILVA, T. F. da. A centralidade da categoria trabalho no contexto da precarização das relações de trabalho: perspectivas para o serviço social.. In: **Seminário de saúde do trabalhador de Franca**, 1., 2010, Franca. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000112010000100037&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 01, jun., 2012.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **Manifesto comunista**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, Rui. Sociedade espaço no Brasil (as fases da formação espacial brasileira: hegemônias e conflitos). In: **Boletim paulista de geografia**, São Paulo: AGB n. 83. p. 07-31 dez. 2005.

SANTANA, Alex Tristão. **A territorialização da indústria automobilística em Catalão e as mudanças no trabalho**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Desafios teóricos para a geografia do trabalho no século XXI. In: THOMAZ JÚNIOR, A; FRANÇA JÚNIOR, L. B. (org.) **Geografia e trabalho no século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, 2009, v. 4, 162-217.

_____. Os desafios rumo a um projeto para o Brasil!: intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. In: **Revista da ANPEGE**, 2011, v. 7, n. 1, número especial, p. 307-309.